



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

KARISE OLIVEIRA TORRES

**UMA LEITURA DE
“O SENHOR DAS MOSCAS”
DE WILLIAN GOLDING
À LUZ DA FILOSOFIA DE
ARTHUR SCHOPENHAUER**

Porto Alegre

2018

KARISE OLIVEIRA TORRES

**UMA LEITURA DE
“O SENHOR DAS MOSCAS”
DE WILLIAN GOLDING
À LUZ DA FILOSOFIA DE
ARTHUR SCHOPENHAUER**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de habilitação: Português e Literatura de Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Júnior

Porto Alegre

2018

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir as semelhanças entre a filosofia de Arthur Schopenhauer e o romance “O Senhor das Moscas”, de William Golding, um clássico da literatura do pós-guerra. Para isso, instinto e razão são contrapostos, procurando conhecer o homem e sua relação com a natureza. Nesse sentido, o conceito de “estado de natureza” vem à tona para teorizar quanto a racionalidade consegue subjugar os instintos naturais do ser humano ou quanto desses aspectos sociais e racionais têm de inerentes à condição natural do homem enquanto animal, enquanto sujeito racional dominador do reino animal. Schopenhauer diz que só o sofrimento é positivo, ou seja, só o sofrimento é capaz de incentivar mudanças nas atitudes humanas: a História prova isso, apresentando guerras atrás de guerras, em que os entreatos de paz apenas geraram conformismo ou acomodação. Já o romance de Golding apresenta o problema em que crianças são largadas à sua própria sorte em uma ilha deserta, tendo de lidar com situações mais primitivas para sobreviver em sociedade. É um prato cheio para se discutir racionalidade e instinto, sofrimento e violência, natureza e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: teoria da literatura, filosofia, Schopenhauer, O Senhor das Moscas, instinto x razão, sofrimento, violência, sociedade.

SUMÁRIO

1. Introdução:

“TODA FELICIDADE NÃO PASSA DE QUIMERA;
SÓ O SOFRIMENTO É REAL”, ARTHUR SCHOPENHAUERP.5

2. Capítulo 1:

SÓ O SOFRIMENTO É POSITIVO:
A FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER.....P. 7

3. Capítulo 2:

LEITURA DE “O SENHOR DAS MOSCAS”
COM BASE NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER.....P. 15

4. ConclusãoP. 30

5. Referências BibliográficasP. 32

“Toda felicidade não passa de quimera; só o sofrimento é real”.

Arthur Schopenhauer¹

Procurando conhecer o homem e sua relação com a natureza, o conceito de “estado de natureza” vem à tona para teorizar quanto os instintos naturais do ser humano conseguem subjugar a racionalidade, ou quanto desses aspectos sociais e racionais têm de inerentes à condição natural do homem enquanto animal, enquanto sujeito racional dominador do reino animal. A propósito, teorias da filosofia sociológica e política contrapõem os instintos das bestas aos instintos do homem em conservar sua existência, inclusive em formar sociedades, acabando, muitas vezes, por valorar as espécies conforme a importância. Em tais teorias, ironicamente, a espécie humana ocupa sempre posição de destaque, graças ao diferencial da razão.

Nesse contexto, o estado de natureza é fonte produtiva, em que a violência é inerente ao homem. Para o filósofo inglês Thomas Hobbes, a violência é o próprio estado de natureza, e apenas um contrato social poderia livrar os homens do medo de outros homens que lhes façam mal; assim, cada um abriria mão de sua soberania pessoal em prol de seu próprio interesse em acabar com a guerra, transferindo poderes a uma autoridade, para que esta sim administre a violência pelo bem comum (ou governe). Já para John Locke, outro importante ideólogo inglês da filosofia política, a violência é um direito, necessário para se garantir a liberdade contida no estado de natureza, em que a paz e a preservação da humanidade são a lei. Dessa forma, a violência injusta é fundamento para a violência justa, uma vez que “todos os homens têm o direito de punir os transgressores da lei natural, tanto quanto for necessário para prevenir a sua violação”.² Em ambas as interpretações, o estado civil é uma proteção contra o estado de natureza. Em ambas as teorias, o governo civil tem o papel de evitar o estado de guerra, embora “na vida dos povos, a história só nos aponte guerras e sedições: os anos de paz não passam de curtos intervalos de entreatos, uma vez por acaso”.³

Esse é o pensamento de Arthur Schopenhauer, filósofo prussiano posterior em mais de um século àqueles citados acima. Para ele, a razão humana está sujeita à vontade, mas a vontade é instintiva. A natureza tem, então, subterfúgios para enganar o homem e fazê-lo

¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Tradução de José Souza de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2014. p. 31.

² LOCKE, John. *Dois tratados do Governo Civil*. Tradução de Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2006. p. 236, § 7º.

³ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 26.

pensar que age pela razão, enquanto apenas está obedecendo aos instintos de perpetuação da espécie. Nesse sentido, a dor e o sofrimento têm papel positivo na ação humana, se erguem em frente da nossa liberdade para ocultar de plano qualquer alegria e felicidade e se sobrepõem a qualquer outro sentimento de bem-estar ou satisfação, estes sim com papéis negativos, já que não “fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto”⁴. Ora, para explicar o papel positivo do sofrimento nas ações humanas, Schopenhauer argumenta que as nossas alegrias são sempre insuficientes, enquanto que a menor das dores eleva-se, engrandece-se, para causar no homem a miséria e a comiseração. Essa miséria é fonte necessária, ao lado da dor, contra a arrogância, e é fonte primordial para a própria perpetuação da espécie. Em outras palavras, vemos que, entre cenas do mundo animal, opõem-se “a impressão do animal que devora com a impressão do que é devorado”,⁵ quando o desgosto da presa é infinitamente superior ao prazer do caçador, mesmo que esta presa seja condição necessária para a existência daquele caçador.

Essas relações entre sofrimento e felicidade, desgosto e prazer, dominante e dominado, estão diretamente interligadas com a relação que o homem estabelece em seu estado de natureza e seu estado civil. Para ir além, explicam inclusive a relação entre razão e instinto, por vezes representada por civilização e barbárie ou natureza e cultura.

Neste estudo, pretendemos analisar esses conceitos na filosofia de Arthur Schopenhauer, presentes nas obras *O Mundo como Vontade e Representação*, de 1819, e *As Dores do Mundo*, de 1830, especialmente quanto ao domínio, frágil ou não, da natureza pelo homem, na sua criação de sociedades civis. E a inquietação para busca dessas respostas ou mesmo para realização de perguntas quanto à existência humana e sua relação com a natureza veio da leitura de *O Senhor das Moscas*, de William Golding, uma obra literária de reconhecimento notório, que faz justamente essa análise entre mundo natural e mundo social.

Na medida em que a literatura sempre aplica as teorias filosóficas com primazia e prazer, nada mais justo do que analisar a filosofia à luz da literatura. Para subverter e parafrasear Schopenhauer, a filosofia é sofrimento, mas só a literatura é positiva.

⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 26.

⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 26.

CAPÍTULO 1:
SÓ O SOFRIMENTO É POSITIVO
A FILOSOFIA DE ARTHUR SCHOPENHAUER

Como já dito, para o filósofo Schopenhauer, o prazer consiste apenas na supressão momentânea da dor; esta, por sua vez, é a única e verdadeira realidade. É apenas no sofrimento que o homem cria sua sociedade: a civilização é, em regra, formada por dores, doenças e males; a paz é simplesmente ausência disso tudo. Enquanto poderíamos pensar que esta é apenas uma visão pessimista da sociedade, a história dos homens retrata, com destaque, guerras e conflitos de poder, o que leva Schopenhauer a argumentar que “o bem-estar e a felicidade, são, portanto, negativos, só a dor é positiva”⁶.

“Enquanto a primeira metade da vida é apenas uma infatigável aspiração de felicidade, a segunda metade, pelo contrário, é dominada por um sentimento doloroso de receio, porque se acaba então por perceber, mais ou menos claramente, que toda felicidade não passa de quimera, que só o sofrimento é real. Por isso os espíritos sensatos visam menos aos prazeres do que a uma ausência de desgostos, a um estado de algum modo invulnerável.”⁷

Em outras palavras, enquanto o homem é jovem e inocente, a felicidade é sua aspiração primeira; depois, quando toma consciência da realidade à sua volta, se rende ao sentimento de receio e de dor, que refletem, em verdade, a sua vida. O mais saudável dos homens sentirá a dor do sapato que o molesta; o mais próspero dos homens deter-se-á em alguma ninharia insignificante que o desgosta. O mal é, na verdade, o que nos faz sentir, ele que é positivo. E o mal geralmente não é mero aborrecimento, mas condição necessária para a existência humana, “porque, se deve existir um mundo (...) era preciso que as coisas estivessem mal arquitetadas para que a base fundamental ameaçasse a ruína”⁸:

“Querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor. Quanto mais elevado é o ser, mais sofre... A vida do homem não é mais do que uma luta pela existência com a certeza de ser vencida... A vida é uma caçada incessante onde, ora como caçadores, ora como caça, os entes disputam entre si os restos de uma horrível carnificina; uma história natural da dor que se resume

⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 25.

⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 31.

⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 38.

assim: querer sem motivo, sofrer sempre, lutar sempre, depois morrer e assim sucessivamente, pelos séculos dos séculos, até que nosso planeta se faça em bocados.”⁹

De acordo com Schopenhauer, ao tomar consciência de si em nível extremo, o homem é dominado por paixões e aspirações, que constituem a unidade da vontade, princípio norteador da vida humana. A vontade é que governa o homem. O homem não é puro intelecto, porque a razão está sujeita à vontade, que é instintiva. Pertencem ao elemento humano a dimensão biológica e a dimensão racional, mas esta última (chamada também de consciência) seria mera superfície tentando encobrir os instintos de preservação da espécie, ao conferir causalidade a seus atos e ao próprio mundo:

“Todo homem que despertou dos primeiros sonhos da mocidade, que tem em consideração a sua própria experiência e a dos outros, que estudou a história do passado e da sua época, se quaisquer preconceitos demasiados arraigados não lhe perturbam o espírito, acabará por chegar à conclusão de que este mundo dos homens é o reino do acaso e do erro, que o dominam e o governam a seu modo sem piedade alguma, auxiliados pela loucura e pela maldade, que não cessam de brandir o chicote.”¹⁰

A Vontade está ligada ao mundo fenomênico, por assim dizer. Isso porque as coisas acontecem no mundo, fora e dentro do homem, apenas por uma só e verdadeira lei que é a Vontade. Ela pode ser inclusive entendida como uma espécie de “desejo da natureza” se assim quisermos, ou aquilo que os cristãos chamam de Providência. Ou seja, tudo o que acontece, só acontece por obra da Vontade. A Vontade não é apenas um atributo do humano, portanto, mas é também das coisas: as coisas são o que são por causa da Vontade. É justamente contra essa Vontade que a liberdade racional humana se volta para tentar apreender o universo fenomênico em sua ideia, como representação. O que fazemos da vontade então é transformá-la em representação. Mas esses dois lados nunca se sobrepõem inteiramente, do que resulta o pessimismo de Schopenhauer, como se a vontade, não se dobrando à representação, implicasse sempre e cada vez e novamente mais e mais sofrimento por contrariar justamente a ideia.

⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 39.

¹⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P.32.

Não obstante esse quadro de dor e sofrimento positivado, a existência humana é a superação da vontade de viver, da vontade de perpetuar a espécie. Cada indivíduo tem, dentro de si, o “sonho efêmero do espírito infinito da natureza”: “esse é o lado da vida que faz pensar e refletir – a vontade de viver”¹¹.

Para Arthur Schopenhauer, “não há objeto sem sujeito que o perceba”: dado que não há objeto sem sujeito, e dado que a vontade está além de qualquer sujeito, como coisa-em-si, então não há como realmente fundir o objeto no sujeito, e *Realitat* e *Wirklichkeit* (termos de Kant apropriados por Schopenhauer) não são possíveis de ser diluídos um no outro. Desta forma, há sujeito que há objeto, mas o objeto é vontade, então não há objeto que seja inteiramente do sujeito. Assim, se torna sempre um jogo de perde e perde, e nunca de perde e ganha. Portanto, podemos entender que o universo, o mundo e tudo que faz parte dele necessitam de um olho humano que os perceba. Sem essa condição, não haveria razão para a existência para o universo.

“Nenhuma verdade é portanto mais certa, mais absoluta, mais evidente que esta: tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas, em relação a um espírito que percebe. Em uma palavra, é a pura representação.”¹²

É inútil um Sol ou uma Lua se não há quem os veja e os compreenda. Assim, Schopenhauer não nega a existência da matéria; ao contrário, ele afirma que ela sempre existiu, já que o mundo não é algo que se deduz do intelecto. Na verdade, sua filosofia se traduz na angústia e na incapacidade de representação da coisa em si, porque a ideia está aquém da vontade:

“O mundo é a minha representação. – Esta proposição é uma verdade para todo ser vivo e pensante, embora só no homem chegue a transformar-se em conhecimento abstrato e refletido. A partir do momento em que é capaz de o levar a este estado, pode dizer-se que nasceu nele o espírito filosófico. Possui então a inteira certeza de não conhecer nem um sol nem uma terra, mas apenas olhos que veem este sol, mãos que tocam esta terra; em uma palavra, ele sabe sobre o mundo

¹¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 37, adaptado.

¹² SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 9.

que o cerca existe apenas como representação, na sua relação com um ser que percebe, que é o próprio homem.”¹³

Nós não conhecemos a realidade em si, tudo que conhecemos é o que somos capazes de conhecer. Nenhum ser humano conhece o sol em si, o que conhecemos é o olho que vê o sol, a pele que sente o sol. Conhecemos o que a ideia é capaz de conhecer, as sensações que conhece. O ser humano só consegue entender as coisas enquadrando-as em intuições como o tempo e o espaço. Existe a coisa em si e a o que somos capazes de compreender dessa realidade – vivemos no mundo dos fenômenos, das representações. Só conhecemos as representações. Todas as representações humanas têm um fundamento, uma origem, algo inconsciente. Ele é precursor do inconsciente. Este algo é a Vontade.

Na sua filosofia, a Vontade é mais importante do que a razão; por esta causa, no corpo humano os focos da Vontade são os genitais masculino e feminino. Os genitais não obedecem ao princípio da razão. O pecado original, que Schopenhauer vê como a única ideia aproveitável do Antigo Testamento, é a união da Vontade com o conhecimento. Por causa disso, todo o ser humano tem de pagar o preço.

Mas, afinal, qual o papel da Vontade na filosofia de Schopenhauer? O que fundamenta as nossas ideias é a vontade, o impulso, o desejo. Sempre que agimos, pensamos, achamos que nós controlamos nossas ideias e pensamentos, mas existe algo que nos move, que é a vontade. Na verdade, “A vontade é um cego robusto que carrega um aleijado que enxerga”¹⁴. Falar em vontade de viver é um pleonismo. A vontade é a própria essência da vida, estamos sempre buscando satisfazer a vontade.

Nós somos como o salmão que sobe ao rio que mata-se a si mesmo para reproduzir. A natureza é terrível com o indivíduo e ótima à espécie, como o casamento. O casamento é o martírio da reprodução.

E a felicidade? A vontade, a satisfação da vontade, é como a esmola do mendigo; O mendigo sobrevive mais um dia, mas ela não o tira da condição. Nós nos satisfazemos da vontade, mas nunca seremos plenamente satisfeitos. O sofrimento continuará sendo uma realidade para os homens. A satisfação da vontade será sempre passageira. A infelicidade e o sofrimento sempre voltarão.

Um lugar onde os pombos já voam assados e todos encontram sua amada/seu amado é um lugar bom? Schopenhauer diz que não. Se tivermos tudo à mão, estaremos sempre

¹³ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 9.

¹⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 46.

insatisfeitos. Morreremos de tédio. A condição humana sempre quer satisfazer suas vontades, nunca o satisfaz, por isso está sempre triste; e se satisfizesse, morreria de tédio.

Mas como sofrer menos? Como mitigar o sofrimento? O sofrimento é uma realidade, uma verdade; a satisfação da vontade não é uma maneira de mitigar o sofrimento. Como então? Os orientais ou os budistas ensinam a livrar-se do querer. Liberdade não é satisfazer as vontades, isso só leva a mais sofrimento; liberdade é sufocar as vontades. A arte é a realização da própria vontade, especialmente a música.

A Vontade torna-se, então, a própria essência da vida, já que “vontade de viver seria um pleonasma”.

“A vida humana passa-se toda em querer e em adquirir. O desejo, por sua natureza, é dor. Sua realização traz rapidamente a saciedade. O objetivo não era mais que uma miragem. A posse mata todo encanto. O desejo ou a necessidade de novo se apresentam sob nova forma: se não, é o nada, é o vazio, é o tédio que chega.”¹⁵

Porém, a vontade que nunca se satisfaz, a não ser com a morte. Em sendo a vontade o motor da vida humana ou a própria essência da vida, a satisfação da vontade levaria ao tédio fatal, que afogaria o homem em sua própria angústia. Querer é andar à frente, ainda que o querer não passe de livração de sofrimento, já que o verdadeiro motor da vida é o sofrimento, ele que é positivo.

Na verdade, a realidade é um eterno embate entre *aparência* e *essência*, entre *fenômeno* e *número*:

“Torna-se claro e certo que o homem não conhece sol algum e terra alguma, mas sempre e apenas um olho que vê o sol, uma mão que toca a terra (...) O que existe para o conhecimento, porquanto o mundo inteiro, é tão somente objeto em relação ao sujeito.”¹⁶

Ainda assim, Arthur Schopenhauer nos ensina que não devemos viver no passado. Viver no passado é viver na ilusão. Tampouco devemos viver no futuro, para não viver como asnos na Itália que vivem perseguindo o feno. A realidade é o presente e o presente é a essência da vida. “A distância que diminui os objetos para o olho, engrandece-os para o pensamento”.

¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 87.

¹⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 124.

“É quase sempre preciso que grandes sofrimentos tenham quebrantado a vontade, para que a negação do querer possa produzir”. Só depois de sofrer muito com o querer e com a vontade, se entende que é necessário abafá-los.”¹⁷

Assim, o Mundo é regido por uma grande vontade universal. Nós possuímos parte dessa vontade, vontade individual, que a partir dela tomamos conhecimento de mundo, que não é senão a representação deste mundo. Só conhecemos a representação das coisas através da vontade. O indivíduo está no centro do conhecimento. A vontade universal é energia pura e constitui o mundo, sem nenhum significado, é a essência das coisas, causa sofrimento, pecado e morte e, por ser a vontade irracional, o sofrimento é inevitável e essencial para a vida, já que a vida é uma cadeia de desejos insatisfeitos em que o prazer é mera ilusão.

De fato, estamos sempre desejando; o homem é um bicho desejante. O querer não é racional, é querer por querer. O prazer é ilusório, porque quando conseguimos o que queremos vem o tédio. Desejar algo é sofrer, consegui-la também é sofrer. Abafar o desejar é felicidade. A vida é uma cadeia de desejos não satisfeitos em que o prazer é mera ilusão; o homem está sempre desejando ou no tédio, sempre num sofrimento sem fim.

Na verdade, “a intuição não é de ordem puramente sensível, mas intelectual”¹⁸. A razão também tem papel importante na existência humana e está sugestionada à vontade:

“Por consequência, duas condições sustentam, para nós, a possibilidade de conhecimento do mundo da intuição: a primeira, expressa objetivamente, é o poder que os objetos materiais têm de agir uns sobre os outros e de se modificarem mutuamente; sem esta propriedade geral dos corpos, mesmo só com a intervenção da sensibilidade animal, nenhuma intuição seria possível. Se quisermos agora formular subjetivamente esta primeira condição, diremos que é, antes de tudo, o entendimento que torna possível a intuição: é do entendimento, com efeito, que procede a lei da causalidade válida apenas para ele e que sustenta a existência de tal relação; se, portanto, há um mundo da intuição, é unicamente para com ele e por ele que esse mundo existe.”¹⁹

¹⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 9.

¹⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 19

¹⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 26-7.

Todo objeto em si é matéria e interage com outra matéria. Os próprios animais são objetos e também são matéria, modificando então a realidade que o rodeia. Dessa forma, tais considerações precedentes resultam de que os corpos de todos os animais são também objetos imediatos; servem de ponto de partida para a intuição do mundo pelo sujeito, que tudo conhece, e, por esta razão, não é conhecido por nada. De tudo o que acaba de ser dito resulta que todos os animais, mesmos os mais imperfeitos, possuem entendimento, visto que são capazes de conhecer os objetos, conhecimento que, sob a forma de motivo, determina os seus movimentos.

O entendimento é o mesmo nos animais e no homem; apresenta em toda parte a mesma essência simples: o conhecimento pelas causas, faculdade de ligar o efeito à causa ou a causa ao efeito, e nada mais. Mas a intensidade de ação e a extensão de sua esfera variam até o infinito: no grau inferior encontra-se a simples noção da realidade de causalidade entre o objeto imediato e o objeto mediato, noção que é suficiente para passar da impressão experimentada pelo corpo para a sua causa e para conceber esta última como objeto, no espaço; nos graus superiores da escala o pensamento descobre o encadeamento casual dos objetos mediatos entre si e leva esta compreensão até penetrar nas mais complexas combinações de causas e efeitos na natureza.

“Em todas, e mesmo nos casos que se aproximam do reino vegetal, encontramos a quantia de entendimento necessária para passar da ação exercida sobre o objeto imediato à sua causa no objeto mediato; em outras palavras, todas possuem a intuição, ou apreensão do objeto. É esta faculdade que constitui o traço próprio do animal, que lhe permite mover-se segundo certos motivos, procurar ou pelo menos apanhar o seu alimento; o vegetal, pelo contrário, só se move na sequência de excitações que é obrigado a esperar e sem as quais está condenado a enfraquecer, incapaz que é de persegui-las e encontrá-las.”²⁰

Em sua obra, Schopenhauer ensina como eliminar o sofrimento, pelo budismo e hinduísmo, entrando para o estado de nirvana, e acabando com suas vontades. Assim, obteríamos três níveis de purificação (sem vontade):

- Purificação estética, através da arte, contemplação das grandes obras, contemplação das ideias, contemplação de objetos e perdemos o desejo pelo

²⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 30.

objeto; eu capto o objeto através dele próprio, anulando assim a vontade e o sofrimento;

- Purificação ética: o homem tem consciência e dá compaixão pela humanidade; acaba a individualidade e o sofrimento;
- Purificação ascética (budismo e hinduísmo): desapego do mundo material.

Então, o homem vive da vontade, que é a própria essência da vida. Vive num eterno querer, e se o querer for nulo, o tédio dominará e a existência tem fim. Mas na verdade o querer é apenas fugir do sofrimento, que só ele é positivo. Desejamos do fundo da alma parar de sofrer, mas quando isso acontece, o tédio domina e precisamos novamente de um novo sofrimento para aquebrantar a alma: “Saber é a única função da razão; só ao entendimento, fora de toda a influência da razão, pertence a intuição”.²¹

²¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. P. 32.

CAPÍTULO 2:
LEITURA DE “O SENHOR DAS MOSCAS”
COM BASE NA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

O Senhor das Moscas, de William Golding

De autoria do inglês William Golding, o livro *O Senhor das Moscas* foi publicado em 1954, logo após a Segunda Guerra Mundial e em plena Guerra Fria. Romance de tese sobre a naturalidade do mal, trata-se de um clássico da literatura do pós-guerra, período em que ânimos e ideologias estão à flor da pele e, ao mesmo tempo, fazem direto questionamento sobre o papel do ser humano na sociedade civil como um todo, independentemente de fronteiras demarcadas ou territórios governamentais.

O próprio autor, filho de professor e estudante de Ciências Naturais na Universidade de Oxford, na Inglaterra, serviu na marinha britânica na Segunda Grande Guerra, motivo pelo qual declarou que “qualquer pessoa que tenha passado por esses acontecimentos terríveis sem entender que o homem produz o mal como a abelha produz o mel estava cega ou louca”²².

Por este pensamento, o homem produziria o mal de maneira instintiva, assim como instintivamente a abelha produz seu mel. Sabemos que a abelha não produz seu mel por ser dotada de razão, já que não o é; mas e o homem, ele deixa de lado a razão para fazer a guerra ou lança mão dela para conseguir o que deseja?

Esses questionamentos são retratados no livro. Como uma alegoria do homem em seu estado natural e primitivo, o cenário é uma ilha deserta onde água potável e frutas são abundantes. Os personagens são mais “primitivos” ainda: são crianças (os “pequenos” entre seis e sete anos, os “grandes”, entre onze e doze anos) largadas à própria sorte, sem a supervisão de qualquer adulto. Após a queda do avião que as transportava para casa (o lar é símbolo de tranquilidade e de resolução de conflitos), as crianças precisam formar uma civilização para serem resgatadas ou simplesmente para conviverem em um novo ambiente. Com a morte dos únicos adultos tripulantes, precisam criar suas próprias regras, aprendê-las, divulgá-las, obedecê-las e transgredi-las: tudo à luz de uma civilização natural, sob o espectro da civilização dos pais, nobres respeitadores da moral e dos bons costumes.

²² GOLDING, William. *O Senhor das Moscas* (4ª edição). Editora Nova Fronteira, contracapa.

Afinal, vendo o comportamento das crianças na ilha, o que os adultos pensariam delas? Se fossem resgatadas e apanhadas vivendo como selvagens, não apenas no sentido físico, próprio da selva, mas também no sentido bárbaro ou primitivo (moral, portanto), o que fariam delas? E, ainda, se não houvesse resgate e fossem forçadas a viver ali para sempre, até quando sobreviveriam se comportando como selvagens e até quando como civilizadas?

E, acima de tudo, quem é o Senhor das Moscas? O que é aquilo que dá nome ao livro ou é referido pelos meninos-personagens como “o Bicho”? Seria realmente um monstro que coabita a ilha mal assombrada? Os meninos precisariam mesmo se proteger dele, guerrear com ele, destruí-lo ou até reverenciá-lo, com oferendas?

Ou melhor, quais são mesmo “as dores do mundo”, segundo Schopenhauer?

No romance de Golding, a filosofia de Schopenhauer

“– Acho que seria bom sabermos os nomes de todos e fazer uma lista. Deveríamos fazer uma reunião – disse o menino gordo.
Ralph não aproveitou a deixa e o menino gordo foi obrigado a continuar.
– Não me importo como me chamem – disse, confidencialmente, – desde que não me chamem do mesmo jeito que na escola.
Ralph interessou-se levemente.
– Como era?
O menino gordo deu uma olhadela por sobre o ombro, depois inclinou-se para Ralph.
E cochichou.
– Me chamavam de “Porquinho”.
Ralph explodiu numa gargalhada. Levantou-se num salto.
– Porquinho! Porquinho!
– Ralph... por favor!
Porquinho esfregava as mãos, de tanto desespero.
– Eu disse que não queria...
– Porquinho! Porquinho!
Ralph dançava no ar quente da praia: aproximou-se de Porquinho e metralhou-o, como um avião de caça, de asas em “V”.
– Ta-ta-ta-tatá!
Mergulhou na areia aos pés de Porquinho e ficou ali, morrendo de rir.
– Porquinho!”²³

Esta é uma citação do início do romance. O desastre aéreo recém tinha acontecido, e os meninos tiveram o primeiro contato entre si, em um ambiente estranho e selvagem. As primeiras iniciativas de criar regras para viabilizar a convivência entre eles (como conhecer

²³ GOLDING, William. O Senhor das Moscas; Tradução de Geraldo Galvão Ferraz. Porto Alegre: RBS, 2004. P. 13.

os nomes) são de Porquinho, o único menino que não é conhecido pelo nome em toda a narrativa, mas por um apelido – ironicamente, tem alcunha de animal aquele que mais usa a razão.

Na Literatura, o simbolismo do porco como oposição entre mundo racional e mundo animal não é invenção de Golding, sobretudo na literatura do pós-guerra: George Orwell, outro britânico, já tinha atribuído aos porcos o governo da fazenda na “*Revolução dos Bichos*”, de 1945, outro romance de crítica política e moral do comportamento humano. Ainda assim, a apropriação do mesmo conceito é mais uma facilitação semântica, uma remessa interessante à dicotomia que discutimos aqui, entre natureza e cultura, civilização e barbárie.

“Porquinho era um chato, sua gordura, sua asma e suas ideias vulgares eram uma chatura”²⁴. Porquinho é inteligente, asmático, míope e gordo: um prato cheio para piadinhas dos meninos se estivessem na escola, o que não se mostra diferente no ambiente hostil da ilha. No desenrolar da história, Porquinho sustenta a voz da razão, mantém a inteligência, embora sempre desagradando o grupo: é o míope que enxerga além, é o gordo que pensa quando a forma física não ajuda, é o doente que deve manter a serenidade para evitar crises asmáticas.

Pela filosofia de Schopenhauer, são os males da doença, da zombaria, do sofrimento que positivam a vida humana, e “é por esse motivo que todos os poetas são obrigados a colocar os seus heróis em situações cheias de ansiedades e tormentos, a fim de os livrarem delas”²⁵. Porquinho falava doutoralmente sobre as miragens, na verdade, ele é que começou com o medo e com as miragens. Isso porque, embora ele não saia ileso desses tormentos, a ânsia por escapar deles é o que o move, tornando o sofrimento positivo:

“A vida de cada homem, vista de longe e do alto, no seu conjunto e nas fases mais salientes, apresenta-nos sempre um espetáculo trágico; mas se a analisarmos nas suas minúcias, tem o carácter de uma comédia. O decurso e o tormento do dia, a incessante inquietação do momento, os desejos e os receios da semana, as desgraças de cada hora, sob a ação do acaso que procura sempre mistificar-nos, são outras tantas cenas de comédia. Mas as aspirações iludidas, os esforços baldados, as esperanças que o destino esmaga implacavelmente, os erros funestos da vida inteira, com os sofrimentos que se acumulam e a morte no último ato, eis a eterna tragédia.”²⁶

²⁴ GOLDING, Willian. *O Senhor das Moscas*, P. 72.

²⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 36.

²⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 36.

Como se Schopenhauer estivesse analisando a vida de Porquinho na ilha quando escreveu este trecho, a condição da personagem na narrativa se mostra cômica, mas não passa de uma tragédia, marcada por incontáveis e sucessivos tormentos, finalizada pela morte no último ato. Embora Porquinho fosse motivo de piadas incessantes, ele era o que mais sentia o sofrimento de viver numa ilha deserta sem o conforto da casa dos pais, era o único capaz de prever as tragédias iminentes, consequências das irresponsáveis atitudes dos demais: “é verdadeiramente incrível como a existência da maior parte dos homens é insignificante e destituída de interesse vista exteriormente, e como é surda e obscura sentida internamente.”²⁷

Por outro lado, o que poderíamos atribuir à própria vida de Porquinho, também podemos fazê-lo em relação à integralidade do romance, à totalidade da narrativa. A vida na ilha é um espetáculo de tragédias, camuflado pela aparência de um paraíso tropical, que até poderia servir de colônia de férias para os estudantes. A escolha de meninos nem chegados à puberdade para servirem como personagens da história constitui alegoria exata da inocência da infância, que só se constitui inocente porque ainda não sabe dos males e sofrimentos que virão, necessariamente:

“Na primeira mocidade, somos colocados em face do destino que se vai abrir diante de nós, como as crianças em frente ao pano de um teatro, na expectativa alegre e impaciente das coisas que vão se passar em cena; é uma felicidade não podermos saber nada de antemão. Aos olhos daquele que sabe o que realmente vai se passar, as crianças são inocentes culpados, condenados não à morte, mas à vida, e que todavia não conhecem ainda o conteúdo da sua sentença. – Nem por isso todos deixam de ter o desejo de chegar a uma idade avançada, isto é, a um estado que se poderia exprimir deste modo: ‘Hoje é mau, e cada dia o será mais – até que chegue o pior de todos’”.²⁸

No primeiro momento na ilha, os meninos aceitaram os prazeres da manhã, o sol brilhante, o mar que subia pela praia e o ar leve, como um período em que brincar era ótimo e a vida tão cheia que a esperança era desnecessária e até esquecida. A ilha nos é apresentada com medo e admiração, como o mistério da natureza; as miragens apareciam como o incerto, calculado e sentido pelos meninos.

²⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 37.

²⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 27.

O espaço da narrativa também constitui representação importante para explicar os desejos e os anseios do ser humano. A ilha deserta é um território primitivo, pronto para se estabelecer qualquer tipo de civilização, nem que seja um estágio de libertação da sociedade anterior, quando os meninos viviam com os pais: basta esperarem pelo resgate, beber a água abundante, comer as frutas abundantes; de resto, tudo seria livre. Mas não é assim exatamente que acontece: as brigas começam a dividir os meninos, a dúvida se o resgate vai realmente aparecer faz com que questionem o modo improvisado da sociedade estabelecida, a selvageria reina de tal forma que não se reconhecem mais como meninos inocentes:

“O homem é o mais necessitado de todos os seres: não tem mais do que vontade, desejos encarnados, um composto de mil necessidades. E assim vive na Terra, abandonando a si próprio, incerto de tudo o que não seja a miséria e a necessidade que o oprime. Por meio das exigências imperiosas, todos os dias renovadas, o cuidado da existência preenche a vida humana.”²⁹

Ao tormento da existência, soma-se a angústia pelo transcorrer do tempo, que, mesmo não controlado por relógios, calendários, compromissos formais, hora para acordar, hora para comer, hora para dormir, não deixa de passar com muita pressa. Frequentemente, os meninos se questionam sobre o tempo perdido na ilha; põem em dúvida a esperança de um resgate, especialmente Ralph, o líder, aquele que sempre esteve convicto da necessidade dos sinais de fumaça como sinalização para um salvamento:

“Ao tormento da existência vem ainda juntar-se a rapidez do tempo, que nos inquieta, que não nos deixa respirar, e se conserva atrás de cada um de nós como um vigia forçando-nos de chicote em punho.”³⁰

Ralph representa o governo, o chefe. Ele foi escolhido por sua bela aparência, mas também por sua atitude positiva. Depois da passagem do barco que não viu a fogueira apagada, Ralph passa a ter a consciência de pensar, racionalizar, fazer as coisas, ser o chefe, a responsabilidade de ser o chefe, de decidir.

²⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 35.

³⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P.26.

Mesmo quando certos de que a vida fora da ilha é que interessava a todos, precisavam se organizar para manter a fogueira acesa, para que o sinal de fumaça se mantivesse visível em qualquer horário que um navio de resgate passasse por perto. Para isso, se organizaram para que cada um tivesse sua função, mínima, e ainda assim pudesse brincar, nadar na piscina natural, se divertir. Mas... “prometeu? Não cumpre a promessa, a não ser para mostrar quanto o desejo era pouco desejável”³¹ – não houve dia tranquilo, em que a fogueira se mantivesse acesa o tempo todo, conforme combinado. Pelo contrário, um navio apontou no horizonte, mas a fogueira estava apagada, e os meninos, que não foram vistos, continuaram onde estavam.

Contrapõem-se, então, a diversão dos garotos com os deveres da sobrevivência: “a vida não se apresenta de modo algum como um mimo que nos é dado gozar, mas antes como um dever, uma tarefa que tem de se cumprir à força do trabalho.”³²

“O que ocupa todos os vivos e os conserva em contínua atividade é a necessidade de assegurar a existência. Mas feito isso, não sabem que mais hão de fazer. Assim, o segundo esforço dos homens é aliviar o peso da vida, tornar-se insensível, matar o tempo, isto é, fugir ao aborrecimento.”³³

Como já referido, o espaço no tempo da narrativa diz muito para nossa análise. Apenas com as informações do texto, ignorando o contexto histórico em que o romance foi publicado, percebemos que o passado de todos os meninos-personagens é de conforto, na civilização inglesa regrada e confortável – eles têm contato com a mais recente tecnologia, cama confortável, almoço farto, escola de qualidade. Porém, o presente deles é numa ilha deserta, sem localização sabida, sem ferramentas, sem bens materiais, sem comodidade. O futuro? Bem, este pode ou não ser na civilização do passado, pode ou não ser na selva-geria do presente. Isso se sobreviverem...:

“O homem só vive no presente, que foge irresistivelmente para o passado, e afunda-se na morte: salvo as consequências, que se podem refletir no presente, e que são a obra dos seus atos e da sua vontade, a sua vida de ontem acha-se completamente morta, extinta: deveria portanto ser-lhe indiferente à razão que esse passado fosse feito de gozos ou de tristezas. O presente foge-lhe, e transforma-se

³¹ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 32.

³² SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 33.

³³ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 34.

incessantemente no passado: o futuro é absolutamente incerto e sem duração... E, assim, como do ponto de vista físico, o andar não é mais do que uma queda sempre evitada, da mesma maneira a vida do corpo é a morte sempre suspensa, uma morte adiada, e a atividade do nosso espírito, um tédio sempre combatido... É preciso, enfim, que a morte triunfe, pois lhe pertencemos pelo próprio fato do nosso nascimento, e ela não faz senão brincar com a presa antes de devorá-la.³⁴

A vida pacífica na ilha não durou muito, isso porque “numa ausência de dor relativa, o tédio logo aproveita”³⁵. Num segundo momento na ilha, há a tomada de consciência, especialmente de Ralph, o líder: “– As coisas estão piorando. Não entendo por quê. Começamos bem; éramos felizes. E então...”³⁶

Aparentemente, eram meninos aproveitando férias forçadas em uma ilha paradisíaca e deserta, com água e frutas abundantes, sombra, piscina e até comodidade. Mas, na realidade, os deveres da sobrevivência imploravam por atenção, na verdade não imploravam, mas estavam ali, impostos, incrustados, e não havia nada que pudessem fazer a não ser atendê-los.

“O que ocupa todos os vivos e os conserva em contínua atividade é a necessidade de assegurar a existência. Mas feito isso, não sabem que mais hão de fazer. Assim, o segundo esforço dos homens é aliviar o peso da vida, tornar-se insensível, matar o tempo, isto é, fugir ao aborrecimento.”³⁷

No início, precisam estabelecer abrigos, colher frutas, inventar ferramentas. “Na origem aparece sob a forma da necessidade, do cuidado pelas coisas materiais da vida”³⁸. Porém, o tédio é tão produtivo quanto o sofrimento, porque incita a combatê-lo: “Se não encontra outro acesso livre, toma o manto triste e pardo do tédio e da saciedade, e então, para combatê-la, é preciso forjar armas.”³⁹ Não demora muito para que o conflito entre os meninos seja a regra, e a guerra, o meio inevitável para conseguirem o que querem:

³⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 33.

³⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 34.

³⁶ GOLDING, Willian. *O Senhor das Moscas*. P. 91.

³⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 34.

³⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 34.

³⁹ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 34.

“O aborrecimento não é um mal para desdenhar: que desespero faz transparecer no rosto! Faz que os homens, que se amam tão pouco uns aos outros, se procurem com todo entusiasmo; é a origem do instinto social. O Estado considera-o como uma calamidade pública, e por prudência toma medidas para combatê-lo.”⁴⁰

Neste sentido, parece crucial a presença do personagem Jack, que nada mais representa que a maldade pura. Em sua ânsia de caçar e buscar carne para todos, especialmente por demarcar sua soberania sobre a natureza ou sobre as forças dos porcos, Jack entra em conflito com o líder do grupo, Ralph, que insiste que a verdadeira necessidade das crianças era manter a fogueira acesa, enquanto isso poderiam comer frutas. A caçada aos porcos desviaria os meninos do caminho e empenharia forças demais necessárias à espera de um resgate. Insistindo na ideia, Jack resolve se separar do grupo e convocou um grande bando de meninos na sua empreitada, à caçada de comida e carne para o bando. Ironicamente, Jack lança-se à empreitada de caçar porcos, enquanto sua rixa com Porquinho é que o move para um conflito com o resto do grupo, especialmente com o líder Ralph, que tem em Porquinho seu conselheiro e porta-voz da razão. É como se, não podendo (ainda) caçar Porquinho, Jack inicia a caçada aos porcos e dá voz à Vontade da ilha.

Aqui podemos fazer um paralelo entre a Vontade citada na teoria de Arthur Schopenhauer com a própria Vontade que a Ilha parece ter, como autônoma às aspirações dos meninos. Veja-se que embora todos os esforços conjuntos para sair da ilha, com fogueiras, construções de abrigos e até pela colheita de cocos e frutas, esses esforços parecem inúteis, porque parecem combater uma Vontade maior, que governa a Ilha, e que está alheia aos esforços humanos. A ilha então teria uma Vontade própria e entraria em combate com a tentativa frustrada de criar uma civilização.

Sem Jack no caminho, Porquinho se torna de uma vez por todas o porta voz da razão. Jack sempre considerou Porquinho um asmático inútil, que tinha ideias contrárias às suas e o enfraquecia perante o grupo. Sem seu inimigo declarado por perto, Porquinho se anima e se torna o braço direito de Ralph, comandando o grupo com alegria. Ele fez até fogo, pela primeira vez, porque durante todo o romance, na verdade Porquinho demonstra-se inútil, sem uma vez sequer botar a mão na massa.

“As maiores ideias são as mais simples. Agora havia algo para ser feito e trabalharam com empenho. Porquinho estava tão cheio de alegria e

⁴⁰ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 34.

liberdade expansiva com a partida de Jack, tão cheio de orgulho por sua contribuição para o bem da sociedade, que ajudou a pegar madeira. A madeira que ele arranhou estava bem perto, uma árvore caída na plataforma, que não era usada para as reuniões. Mas, para os outros, a santidade da plataforma protegera até o que era inútil ali. Os gêmeos perceberam que agora a fogueira ficaria perto deles, como sinal de tranquilidade na noite; isso fez alguns dos pequenos dançarem e bateram palmas.”⁴¹

“A noite chegara, não com uma beleza calma, mas com a ameaça da violência.”⁴² Jack então virou selvagem. Seu grupo é selvagem e até pratica rituais tribais em sua caçada aos porcos. Resolveram por roubar o fogo do grupo de Ralph, além dos óculos de Porquinho, com cuja lente se acendia a chama. Tal fato declarou a guerra entre os grupos rivais, separando entre os selvagens que caçavam e os intelectuais que protegiam a fogueira, a razão e a democracia. Porquinho, no momento do ataque, protegeu a concha, em seu papel de dono da razão, como se protegesse o Estado Soberano, a Democracia ou o Direito.

Mas então por que se demonstra crucial então o estilo de vida selvagem de Jack e seu grupo? Porque precisavam demonstrar sua soberania perante a natureza. Precisavam apresentar seu lado animal, precisavam de carne e a carne é a matéria do reino animal, ao qual pertenciam. A carne dos porcos tornou-se um flagelo da sociedade através da violência, que não é menor que o seu extremo oposto, a fome, podendo impelir os homens a todos os desvarios. Jack se torna mais refém da Vontade da ilha, como aquela Vontade autônoma de Schopenhauer, e sucumbe à bestialidade, aos instintos, na caçada aos porcos:

“- Por um pouquinho de carne...

- E para caçar - disse Ralph, compreensivo, - para fingir que são de uma tribo e usar pintura de guerra.”⁴³

Na verdade, a briga entre Jack e Ralph criou a sociedade de Jack de um lado, e a de Ralph e Porquinho de outro. Podemos agora até pensar entre a Vontade de um lado, representada pela Ilha e por Jack sucumbindo a esta Vontade, e a Representação de outro, em que Ralph e Porquinho opõem-se às contingências da ilha e do acidente e tentam insistentemente resgatar o nexos com a civilização perdida através da fogueira e do conhecimento técnico (construindo cabanas, colhendo cocos, falando através da concha). Este embate é

⁴¹ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 143.

⁴² GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 164.

⁴³ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 162.

mal necessário da humanidade, que somente sobrevive nos entreatos de guerra. Lembra-mos que o tédio não é motor da sociedade, mas sim a guerra:

“O aborrecimento não é um mal para desdenhar: que desespero faz transparecer no rosto! Faz que os homens, que se amam tão pouco uns aos outros, se procurem com todo entusiasmo; é a origem do instinto social. O Estado considera-o como uma calamidade pública, e por prudência toma medidas para combatê-lo.”⁴⁴

Somente com a guerra entre eles, conseguiram sair daquele cenário. Depois de embates sérios, torturas, mortes e do estabelecimento de uma guerra, conseguiram chamar atenção do resgate. Foi preciso que botassem fogo na ilha inteira, como meio de tirar da toca o inimigo, como técnica de caça mesmo, para que, por uma feliz obra do acaso, fossem avistados e pudessem regressar à civilização, novamente. E o medo do “Senhor das Moscas”, também conhecido como “O Bicho”, continuou presente na vida deles, mesmo que esse bicho não seja assim tão concreto:

“Se fosse possível pôr diante dos olhos de cada um as dores e os espantosos tormentos aos quais a sua vida se encontra incessantemente exposta, um tal aspecto enchê-lo-ia de medo (...) também acabaria por reconhecer de que espécie é este melhor dos mundos possíveis.”⁴⁵

Este Bicho é então o próprio Senhor das Moscas. Mas o que é o Senhor das Moscas? Pensando sobre o assunto, Jack se assusta: “Quando você está caçando (...), você se sente como se não estivesse caçando, mas sendo caçado. Como se houvesse alguma coisa atrás de você o tempo todo na floresta. (...) É assim que a gente se sente na floresta”.⁴⁶

Em sendo assim, o Bicho era o próprio medo, o medo do desconhecido, do imprevisível, do natural, e apareceu em forma de sensações e representações para Sam e Eric:

“Sam olhou irritado para Eric. A intensidade do olhar de Eric tornava terrível a direção para qual olhava, pois Sam estava de costas para ela. Arrastou-se ao redor da fogueira, agachou-se junto a Eric e procurou ver. Estavam imóveis e abraçados, quatro olhos fixos e sem piscar, duas bocas abertas.

⁴⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 34.

⁴⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. P. 37.

⁴⁶ GOLDING, Willian. *O Senhor das Moscas*. P. 59.

Bem embaixo deles, as árvores da floresta suspiraram, depois rugiram. O cabelo mexeu-se nas suas testas e as chamas passaram a soprar de um lado. Lá, de uns quinze metros de onde estavam, veio um barulho, o estalo do tecido se abrindo.

Nenhum deles gritou, mas o abraço ficou mais apertado e as bocas se abriram ao máximo. Por uns dez segundos, ficaram ali agachados, enquanto a fogueira oscilante lançava fumaça, centelhas e ondas de luz inconstante por sobre o cimo da montanha.

Então, como se tivessem uma só mente apavorada, desceram atropeladamente pelas rochas e fugiram.”⁴⁷

Os meninos apenas escutaram o barulho, o vento e o estalar da madeira, mas nada viram. A representação do Bicho (representação da Vontade, assim como da Ilha, que é autônoma e insiste no embate com os meninos para criar uma civilização) bastou, e eles não precisaram agraciar com os olhos o que já sentiam na essência. O medo os dominou e isso foi suficiente para se decidirem a enfrentar a natureza selvagem ou elaborar um plano para isso enquanto tentavam fugir dela.

Neste momento do romance, o personagem Simon representa a tomada de consciência (ele sucumbe à Vontade), de que o medo do Bicho não passa de representação nas suas cabeças e a ameaça da brutalidade da natureza, mas nada além disso:

“- Simon está sempre disposto, diz Ralph.(...) Mas, quando chegaram aos abrigos, Simon não estava à vista. (...)

- Ele se mandou. Ralph franziu a testa. - Ele é um menino estranho. E engraçado.”⁴⁸

Na verdade, Simon era obscuro, introspectivo, quieto. Não era engraçado como Ralph pensara, nem alegre e travesso. Na verdade, também tinha medo: “Simon olhou então, de Ralph para Jack, como olhara de Ralph para o horizonte, e o que viu-lhe parecia meter-lhe medo”.⁴⁹ Simon então descobre o Bicho, que na verdade era o mal essencial da humanidade:

“Viu algo branco no escuro perto dele e a tirou de Maurice. Soprou com toda a força. Os meninos calaram-se imediatamente. Simon estava

⁴⁷ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 108.

⁴⁸ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 61.

⁴⁹ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 76.

perto dele, com as mãos na concha. Simon sentia uma necessidade perigosa de falar, mas falar numa reunião era uma coisa terrível para ele.

- Talvez - disse, hesitante, - talvez haja um bicho. A reunião gritou selvagememente e Ralph ficou olhando, espantado.

- Você, Simon? Você acredita nisso?

- Não sei - disse Simon. As batidas do coração sufocavam-no. - Mas...

Explodiu a tormenta.

- Sente-se!

- Cale-se!

- Pegue a concha!

- Vá embora!

- Cale a boca! Ralph gritou.

- Ouçam-no! Ele está com a concha!

- O que quero dizer é... talvez sejamos nós.

- Está louco!

Essa última exclamação foi de Porquinho, que chegou a perder o controle. Simon continuou...

- Poderíamos ser uma espécie de...

Simon não conseguiu falar, no seu esforço de exprimir o mal essencial da humanidade. A inspiração acabou chegando.

- Qual é a coisa mais suja que há?"⁵⁰

Aqui a argumentação de Golding vai ao encontro da filosofia de Schopenhauer ao afirmar que o mal seria essencial à humanidade. Como já vimos, o filósofo alemão afirma que só o sofrimento é positivo, posto que o mal é assim inerente aos homens. De toda forma, a impressão de Simon continua sendo de incredulidade sobre o "bicho sobrenatural":

"Simon, andando na frente de Ralph, sentiu um sobressalto de incredulidade - um bicho com garras que arranhavam, que se sentava num cimo de montanha, que não deixava rastro e que, apesar de tudo, não era bastante rápido para pegar Sameeric. Cada vez que Simon

⁵⁰ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 98-9.

pensava no bicho, surgia no seu íntimo a imagem de um ser humano, heroico e doente ao mesmo tempo.”⁵¹

Assim, Simon insiste: “- Não acredito no bicho.”⁵² Enquanto que aparentemente Simon porta a voz da sensatez, não acreditando num bicho com garras, que não deixava rastro e que mais parecia com a imagem de um monstro imaginário, assume a coragem de ir a sua procura para vê-lo com os próprios olhos, contrariando o medo dos outros colegas, inclusive de Porquinho, o menino inteligente. Na verdade, o que Simon encontra não é um monstro em carne e osso, mas a maldade representada nos homens, enquanto forma de sacrifício para um “bicho”, ou a própria consciência da Vontade de Schopenhauer.

“Diante de Simon, o Senhor das Moscas estava pendurado na vara e sorria. Enfim, Simon desistiu e olhou; viu os dentes brancos e os olhos opacos, o sangue - e seu olhar engazeado prendeu-se àquele reconhecimento antigo e irrecusável. Na tẽmpora direita de Simon, um la-tejar começou a golpear seu cẽrebro.”⁵³

Com um pouco de esforço atento do leitor, podemos compreender que o senhor das moscas, representado pelo bicho, na verdade é a própria consciência de Simon. Ele conversa consigo mesmo e acaba descobrindo o grande bicho dentro de si. Confundindo o colega com o próprio Bicho, o grupo de Jack abate a presa e acaba cometendo o primeiro assassinato do grupo, o assassinato de Simon, ou da própria consciência racional. “Em alguma parte sobre a curva escurecida do mundo, o sol e a lua estavam agindo”⁵⁴. Isso mesmo, porque a morte de Simon nada mais é do que ação da natureza, ou da natureza selvagem e violenta dos homens – a ação da Vontade. O medo que o monstro, o cadáver de paraquedas, incita em todos seria a percepção da Vontade e esta percepção se dá pelo menino Simon, que logo é assassinado pela própria Vontade da Ilha, transfigurada, nesse episódio, no poder assassínio do bando de Jack, que, inclusive, contagia o grupo oposto, Ralph e seus colegas.

Com o ocorrido diante de seus olhos, já que todos os meninos participaram do ritual de abate do menino, Porquinho nega o assassinato; Ralph não. Ralph e Porquinho

⁵¹ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P.114.

⁵² GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 116

⁵³ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 152.

⁵⁴ GOLDING, Willian. O Senhor das Moscas. P. 169.

participaram, por quê? Sameeric negam também. Mas há a tomada de consciência de Ralph, o que o perturba de tal forma que resolve combater de uma vez por todas o grupo de Jack e sua violência. Jack nega terem matado o bicho e ameaça matar outra vez com sua dança. A palavra "matar" é evitada mesmo pelo grupo de Jack, mas não por Jack, que continua com o sacrifício da cabeça de porco. Na verdade, ele usa o bicho para manipular seus seguidores.

Essa tomada de consciência por Ralph é a própria Representação de Schopenhauer, já que é ele que se opõe a toda barbárie cometida pelos outros meninos e tenta liderar uma civilização de espectro da civilização dos pais. Entretanto, muito embora Ralph e Porquinho figurem como Representação, a Vontade sempre é maior e acaba triunfando.

Como vimos, a Ilha pode ser uma espécie de alegoria dessa Vontade, ou que, de certo modo, os empreendimentos fracassados (a fogueira, as cabanas, etc.) todos eles são, por assim dizer, o triunfo de uma vontade qualquer, uma lei, uma força, que existe para além do humano e que submete a capacidade intelectual de representação dos meninos (principalmente Ralph e Porquinho), no intuito de prevalecer sobre as forças naturais. Quer dizer: a fogueira sempre se apaga, por uma razão ou outra – razão que pode ser sempre assumida como "pessoal" (foi "Fulano" ou "Cicrano" que deixou de fazer algo que devia para mantê-la acesa, como vigiar a fogueira) ou como "natural" ou até "sobrenatural" (a fogueira não dá certo porque incendeia tudo ou ela é deixada de lado porque cai o sujeito de paraquedas bem no alto da montanha etc.). Seja como for, a fogueira se apaga inúmeras vezes porque as razões têm como causa não a atitude verdadeiramente técnica ou humanística dos meninos, mas aparentemente poderes e forças próprios da ilha que a subjagam.

Mesmo Jack, o rapaz que organiza a "tribo", submete-se a essa vontade de alguma forma, porque acaba criando uma própria sociedade de combate. Isso porque essa vontade é sempre castradora, no limite, dos empreendimentos dos meninos, que são descobertos por acaso, no fim do livro, e não como resultado prático de uma atitude intelectual direcionada para o resgate. Então, toda a tentativa de formar uma representação sobre o mal da ilha, ou sobre as condições de vida, ou a organização da "civilização" em detrimento da barbárie, parece malograr em função de uma vontade qualquer, alheia aos destinos e objetivos práticos e morais dos humanos da ilha, que só sucumbem.

Essas representações, vontades e alegorias nos fazem pensar em quanto de nós não passa de apenas submissão à Vontade que existe e quanto de nós luta contra ela. Quanto de nós é Representação, na tentativa de criar civilização, estabelecer regras, educar uns aos outros, dentro dos limites racionais, que estabelecemos para nós mesmos, e quanto é

apenas a natureza agindo, dentro de nossos limites instintivos, sob o espectro de racionalidade.

CONCLUSÃO

Diante do presente trabalho, não tivemos a pretensão de afirmar que William Golding se baseou na filosofia de Arthur Schopenhauer para criar *O Senhor das Moscas*, ou mesmo que o escritor fosse adepto ou seguidor daquele filósofo. Isto porque essa foi apenas uma das leituras possíveis de serem feitas, mas que, com certeza, não vincula os dois autores, de maneira alguma.

O próprio Golding, se lesse o presente trabalho, poderia discordar veementemente das afirmativas aqui expostas, e afirmar que na verdade era adepto da filosofia de Kant ou de Hegel, ou de nenhum deles, mas que apenas teve a intensão de escrever um romance desprezioso, aberto, de maneira geral, a qualquer interpretação. Também Arthur Schopenhauer poderia achar absurdas as proposições aqui feitas e discordar ponto a ponto das relações feitas.

Na verdade, se os autores concordam ou não, ou se realmente se basearam em pensamentos consolidados na escritura de suas obras, é totalmente irrelevante, na medida em que, no momento em que uma obra é lançada no mundo, já não pertence mais a seu autor, mas permite diversas interpretações, a qualquer um que garanta algum argumento coerente com seu conteúdo. Esse é o pensamento de Roland Barthes, em seu texto “A Morte do Autor”, que assim afirma:

“A escrita é destruição de toda a voz, de toda a origem. A escrita é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito...”⁵⁵

Tentamos nos manter fiel, portanto, ao conteúdo apresentado, relacionando as obras *As Dores do Mundo* e *O Mundo como Vontade e Representação*, de Arthur Schopenhauer, com o romance *O Senhor das Moscas*, do inglês William Golding. Neste sentido, pudemos até concluir que realmente as semelhanças são visíveis.

Schopenhauer afirmou que somente o sofrimento é positivo, que a vida não se apresenta de outra forma senão em entreatos de guerras, e, na ausência deste sofrimento, o tédio logo aproveita, levando à morte. No romance de William Golding, vimos que o sofrimento esteve presente em todos os momentos na ilha, no convívio entre os meninos, e

⁵⁵ BARTHES, Roland. A Morte do Autor. O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004

somente o sofrimento os levou a se organizarem em sociedades, em se separar em tribos, e até a caçarem, seguindo seus instintos animais.

Ainda, Schopenhauer apresenta a Vontade como fonte autônoma, instintiva, que governa os homens e é inerente às relações naturais. A Vontade está ligada ao mundo fenomênico e pode ser entendida como “desejo da natureza”, e tudo que acontece só acontece por obra da Vontade. É justamente contra essa Vontade que a liberdade racional humana se volta para tentar apreender o universo fenomênico em sua ideia, como representação. O que fazemos da vontade então é transformá-la em representação.

Quanto a essas ideias, pudemos relacioná-las no romance de Golding, botando em paralelo a Vontade da Ilha, em sempre impedir o sucesso dos meninos, sendo Jack refém desta Vontade, ao sucumbir ao seu lado instintivo, caçando porcos; e, de outro lado, a Representação, destacada por Porquinho e Ralph, que, lutando contra a Vontade, tentaram, incessantemente, resgatar o nexo com a civilização perdida, através do conhecimento técnico ou da racionalidade.

Essas foram uma das interpretações possíveis, portanto, às obras aqui citadas. Porém, elas não têm, de maneira alguma, a pretensão de serem absolutas, mas apenas de defender um dos pontos de vista. Ainda citando Barthes, “toda a lei que oprime um discurso esta insuficientemente fundamentada”.⁵⁶

⁵⁶ BARTHES, Roland. *A Morte do Autor. O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GOLDING, William. O Senhor das Moscas. Tradução de Geraldo Galvão Ferraz - Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. Tradução de José Souza de Oliveira. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- LOCKE, John. Dois tratados do Governo Civil. Tradução de Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARTHES, Roland. A Morte do Autor. O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004.